

INFORME

INFORMATIVO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS Nº 45 AGOSTO/2008 - EDIÇÃO ESPECIAL

ELEIÇÃO PARA DIRETOR DA FFLCH

CONSULTA À COMUNIDADE

VOTO *ON-LINE* NA PÁGINA
www.fflch.usp.br/eleicao
DIAS 15 A 17 DE SETEMBRO

CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

02.09.2008 – terça-feira

17h Encontro dos candidatos com os alunos de Pós-Graduação
Sala 08 - Prédio de Filosofia e Ciências Sociais

03.09.2008 – quarta-feira

18h Debate com os candidatos a Diretor
Anfiteatro de Geografia

04.09.2008 – quinta-feira

10h Encontro dos candidatos com os alunos de Graduação
Anfiteatro de Geografia

17h30 Encontro dos candidatos com os alunos de Graduação
Anfiteatro de Geografia

10.09.2008 – quinta-feira

15h Encontro dos candidatos com os funcionários
Salão Nobre - Predio da Administração

VOTAÇÃO

Voto on-line

Dias 15 a 17 de setembro, na página

www.fflch.usp.br/eleicao

Abertura – 15.09.2008 às 8 horas

Encerramento e apuração da votação online

dia 17.09.2008 às 18 horas no Salão Nobre -

Prédio da Administração

Votação dos membros dos Colegiados da Faculdade

Dia 18 de setembro - abertura: 14h

Anfiteatro de Geografia

(votam todos os membros dos Conselhos /
Departamentais e da Congregação)

Sumário

PROGRAMA DOS CANDIDATOS A DIRETOR DA FFLCH

Calendário das Atividades	1
Para uma FFLCH coesa e atuante Programa da gestão - 2008-2012	3
Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini	
Programa de ação acadêmica para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: os desafios atuais da Universidade Brasileira (2008-2012)	6
Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda	
Em defesa da Universidade Pública, da USP e da FFLCH Programa de Osvaldo Coggiola para a Direção da FFLCH-USP	10
Prof. Dr. Osvaldo Coggiola	
Entrevista com as Professores Amália Inés Geraiges de Lemos e Marta Rosa Amoroso, Presidente e Membro da Comissão, respectivamente	14
Por Laís Lucas Moreira	

EXPEDIENTE



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITORA:

Profa. Dra. Suely Vilela

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR:

Prof. Dr. Gabriel Cohn

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokoi (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL) e Sra. Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros – MTb 35814 (Membro Assessor).

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:

COORDENAÇÃO: Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros. **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815. **COLABORADORES:** Gustavo Dainezi, Laís Lucas Moreira, Priscilla Vicenzo da Silva e Ricardo Balsani Ferraz. **REVISÃO:** Priscilla Vicenzo da Silva e Sílvio C. Tamazo D'Onofrio. **FOTOS:** Eusebio Gregorio Costa.

GRÁFICA – FFLCH: Impressão e acabamento - **TIRAGEM:** 2000 exemplares.

PROGRAMA DOS CANDIDATOS A DIRETOR DA FFLCH

PARA UMA FFLCH COESA E ATUANTE PROGRAMA DE GESTÃO - 2008-2012

PROFA. DRA. SANDRA MARGARIDA NITRINI



AFFLCH é reconhecida como o principal centro de excelência do país na área de Humanidades. Na USP, é a unidade que abriga a mais ampla diversidade e complexidade de saberes. Certamente, os desafios que a ela se colocam têm a mesma proporção. No atual contexto, para grande parte dos que nela estudam e trabalham provavelmente os desafios mais significativos estejam vinculados à sua configuração e à sua relação com as demais unidades da Universidade.

Quanto ao primeiro aspecto deve-se levar em conta que, nos últimos oito anos, a Faculdade teve uma renovação de metade do seu corpo docente. Se este ganho contribuiu para recuperar a capacidade de ensino e pesquisa da instituição, trouxe também a dificuldade de recriar laços orgânicos entre áreas e departamentos, sendo urgente buscar iniciativas que promovam entre nós um processo reflexivo de *auto-conhecimento*. Quais concepções de ensino, pesquisa, enfim de universidade pautam as atividades da Faculdade? Quais questões emergentes na sociedade demandam nossa atenção e desafiam nossa inteligência numa direção inovadora e crítica? Quais consensos existem ou podem vir a ser construídos em torno de diretrizes de políticas acadêmicas de curto e médio prazo? Quais canais de diálogo, pro-

cedimento vital para as nossas atividades, podem ser implementados de modo a que todos possamos acompanhar a pulsação da FFLCH? Sem essa sensibilidade a essa pulsação, construída conjuntamente, não saberemos enfrentar a tarefa maior, que consiste em recuperar a *iniciativa*, que nos cabe, na formulação das grandes questões da Universidade numa sociedade em rápida mudança e na identificação dos modos de fazer face a elas.

Quanto à inserção da FFLCH na Universidade, certamente todos partilhamos um incômodo, pois são frequentes as manifestações de desconhecimento sobre nossas atividades e até mesmo, em alguns momentos, de incompreensão da natureza de nossa pesquisa. No entanto, tal desconforto não pode ser enfrentado, sem considerarmos que no contexto universitário tanto nacional como internacional vivemos hoje sob a hegemonia dos paradigmas das ciências biológicas e exatas. Em resposta a isso cabe à Faculdade colocar-se como *interlocutora*, reafirmando suas singularidades e defendendo a pluralidade de concepções de pesquisa e ensino, jamais como subordinada ou omissa. Para tanto, devemos ter clareza quanto aos valores sobre os quais possamos ter coesão interna sólida.

Para enfrentar estes desafios é fundamental uma relação fluente, coesa e constante entre todos os segmentos que compõem a Faculdade. Inclui-se nisso o empenho em recompor da melhor maneira possível e com urgência o diálogo entre a Faculdade e as entidades estudantis. Muitos de nós avaliamos que o movimento estudantil tem buscado redefinir seu modo de atuação e representação. No entanto, seria desejável que pudéssemos contar com instâncias

legítimas e representativas desse importante segmento para que possamos debater divergências e tomar decisões conjuntas.

Na condição de candidata, tendo no horizonte esses e outros desafios e considerando que cada gestão na diretoria insere-se em um processo acumulativo de propostas, iniciativas e metas que no conjunto transcendem um mandato, cabe reiterar, no meu caso, o compromisso com o desenvolvimento qualitativo da Graduação, da Pós-Graduação, da Pesquisa, da Cultura e Extensão. Tudo isso com abertura para responder às novas demandas desses setores, quer se coloquem como respostas às necessidades internas que surgem ou como apelos externos, provenientes de demandas sociais, de novos contextos universitários e do surgimento de novos campos de saber, com reivindicações específicas.

Atenção especial será dada à Graduação, assegurando condições para uma formação em nível de *excelência* de nossos bacharelados e licenciados. Para isso, desenvolveremos a política de reposição e ampliação do quadro docente e concentraremos esforços para que a Faculdade possa oferecer instalações adequadas e devidamente equipadas para o bom desempenho pedagógico. Fundamental será ainda incentivar a ampliação do acervo de livros de nossa Biblioteca, que constam das bibliografias da Graduação, ao lado do incentivo à produção própria de textos de apoio em todas as formas.

O máximo cuidado será dispensado para que a Faculdade continue a manter a *excelência* nos programas de Pós-Graduação que já a conquistaram e colabore para que os demais a obtenham. O objetivo é assegurar a melhor continuidade a suas linhas de pesquisa e propiciar a abertura de novas sempre que recomendável.

O empenho com o desenvolvimento da Pós-Graduação e da Pesquisa inclui o fortalecimento da Comissão de Cooperação Internacional da FFLCH e dos acordos internacionais, a criação de uma política de acordos nacionais e o apoio aos Centros de Estudos, Cátedras e Laboratórios da Faculdade. Ainda nessa linha, a Biblioteca receberá incentivo e apoio para o desenvolvimento de seus projetos de atuali-

zação e expansão do acervo.

No que se refere à Cultura e Extensão, caberá incentivar, em resposta a uma demanda crescente da sociedade, cursos destinados a professores da rede pública de ensino e apoiar a parceria de docentes da FFLCH em projetos de grande envergadura voltados para a formação renovada dos professores da rede pública. O compromisso da FFLCH com a formação de professores, esgarçado nos últimos anos pela degradação das condições profissionais do professor, encontra hoje alento para uma retomada, com a inclusão das disciplinas de Licenciatura em nossos currículos, com a inserção das disciplinas de Filosofia e Sociologia no ensino médio, com a atual política do Ministério de Educação para a recuperação da escola pública e, no caso da USP, com o Inlusp.

Quanto aos funcionários, cabe fortalecer o diálogo com este segmento responsável pelos fundamentais serviços de infra-estrutura, de apoio técnico e de administração corrente. Além da busca conjunta de soluções para os problemas do dia-a-dia, tal diálogo terá como objetivo estimular a construção de parâmetros para redefinir a carreira funcional bem como seus processos de avaliação. Caberá ainda estimular discussões com a finalidade de se criarem programas de qualificação profissional. Neste sentido, apoio especial será dado à Comissão de Recursos Humanos da FFLCH.

Fundamental, ainda, é assegurar realização das obras básicas de recuperação e ampliação da infra-estrutura da Faculdade. Também concentraremos esforços no projeto de construção do Prédio de Pesquisa e retomaremos o plano de recuperação do Prédio da Administração, em curto prazo.

Como decorrência das linhas prioritárias do programa que apresento, sem prejuízo dos cuidados a serem dispensados a todas as metas já estabelecidas pela FFLCH (ver relatório de avaliação da Faculdade, documento público), proponho ainda:

- a) Assegurar um espaço significativo para a discussão de questões de fundo de interesse da Faculdade, da Universidade e da Sociedade na Congregação.

- b) Convocar reunião plenária para debates sobre questões prementes da FFLCH.
- c) Dar agilidade ao funcionamento administrativo, garantindo uma eficiente relação com os Departamentos e acompanhar a dinâmica dessa relação, com balanços periódicos.
- d) Dar apoio ao Serviço de Comunicação para aperfeiçoar a divulgação de eventos, cursos, pesquisas e atividades de docentes, discentes e funcionários e para aprimorar o atendimento às demandas de organização de eventos, cada vez mais intensas.
- e) Dar apoio à Seção de Informática e incentivar sua interação com o Serviço de Comunicação Social e com os setores técnicos dos Laboratórios da FFLCH.
- f) Desenvolver o programa de publicações on-line na Série Acadêmica Premiada e na Série Didática, sem deixar de lado as publicações em suporte de papel.
- g) Apoiar atividades acadêmicas dos estudantes e de aperfeiçoamento dos funcionários.
- h) Promover nos nossos Colegiados o exame da questão complexa do “ensino à distância”, em pauta em todas as instâncias governamentais e mesmo na USP, para construir uma posição da FFLCH.
- i) Apoiar projetos que tornem nossos currículos mais criativos e flexíveis, sem perda de qualidade.
- j) Estimular interlocução da Comissão de Pesquisa com departamentos, programas e áreas do conhecimento para a indução de projetos coletivos, inclusive supra-departamentais.
- l) Desenvolver política de reposição do quadro funcional, com a disposição de buscar estratégias de convencimento sobre as reais necessidades da FFLCH junto aos órgãos centrais.

Com este programa e o compromisso reiterado de dar continuidade ao desenvolvimento das metas já estabelecidas pela Faculdade para os próximos anos, apresento-me como Candidata ao cargo de Diretora da FFLCH. Faço-o com a segurança de quem conhece por dentro seus principais problemas e participou diretamente do empenho em solucioná-los, como integrante da direção da escola oficialmente encarregada da sua área de relações internacionais e fortemente envolvida no setor de difusão e comunicação. Apresento-me nessa condição convicta de que saberei enfrentar, juntamente com os órgãos colegiados, quaisquer obstáculos para que nossa Faculdade possa aprimorar, num clima dinâmico, criativo, analítico e crítico, sua vocação primeira como formadora de cidadãos e como pólo gerador de conhecimento nas áreas de Humanidades. Eleita ou não, sempre colocarei minha experiência e compromisso à disposição de projetos coletivos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Profa. Dra. SANDRA MARGARIDA NITRINI

PROGRAMA DE AÇÃO ACADÊMICA PARA A FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS: OS DESAFIOS ATUAIS DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA (2008-2012)

PROFA. DRA. MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA



As universidades públicas brasileiras de-
frontam-se, nos dias atuais, com uma nova ordem
de problemas que se traduzem em novos desafios.
A consideração dos problemas que ocupam
a instituição, no momento, pressupõe entender
que as universidades são organismos constitu-
tivos e determinados pela sociedade, tanto no
sentido do seu condicionamento quanto do

ponto de vista de orientar as práticas coletivas. As uni-
versidades são, por essa razão, particularmente sensí-
veis à mudança dos tempos. Embora os desafios sejam
inerentes à vida universitária, por causa dos princípios
que a constituem, isto é, a produção e a transmissão do
conhecimento que se traduzem, no âmbito pedagógi-
co, na necessária indissociabilidade entre ensino e pes-
quisa, o ritmo das transformações no mundo
contemporâneo e a natureza dos problemas emergen-
tes requerem repensar as relações entre a universidade
e a sociedade.

Exatamente nesse ponto os problemas se
avolumam e parecem de difícil dimensionamento, uma
vez que **a ligação entre a universidade e a sociedade
não pode significar que a instituição seja mero re-
flexo social. Contrariamente, a condição de simples
espelhamento a transformaria unicamente em sin-
toma dominante, semelhante às demais agências,
colocando-a à mercê de vontades e caprichos
forâneos, no limite submetendo-a ao puro arbítrio. A
autonomia universitária é um valor inegociável, o
que não significa que as obrigações da sociedade e
dos governantes sejam diminuídas, pois a universi-
dade é um patrimônio civilizacional; mas ela deve
também estar à altura de cumprir o seu papel na
sociedade. De outro lado, a desconexão da universi-
dade em relação às questões sociais fundamentais
retira a seiva que a anima, produzindo uma espécie
de auto-referência guiada por atitudes inteiramente
ritualísticas.**

Se para for digna do nome a universidade não pres-

cinde de um sentido de missão, de vocação, de acolhi-
mento e compartilhamento de regras que lhe são pró-
prias e independentes do “sistema”, entendido como
o universo do Estado e do Mercado, a instituição não
pode romper o vínculo com a sociedade, sob pena de
desqualificar seu significado. Por essa razão, os perí-
odos de intensa mudança social são especialmente
complexos para a vida das universidades, que ficam
submetidas a orientações diversas e questionadoras
dos pilares sobre os quais se assenta. Como se sabe,
toda instituição diferencia-se e se legitima na afirma-
ção de um conjunto de regras codificadas derivado de
valores coletivamente assumidos. Exatamente por isso,
o enfrentamento do novo cria dilemas de grande en-
vergadura, até porque o impulso para manter as re-
gras fixadas tem também o sentido de preservar a
instituição e de garantir sua vocação específica; mas
a rigidez em aceitar os ventos da mudança também a
afasta da sua vocação.

Parece-me que os problemas atuais da universi-
dade pública no Brasil resultam, em larga medida, do
esgarçamento do modelo universitário anterior e da
dificuldade de construir o novo sem perder os prin-
cípios superiores que o animavam. Em outros ter-
mos, a universidade pública brasileira encontra-se
dardejada por problemas internos e externos a ela. A
meu juízo, a questão hoje fundamental da FFLCH é
encontrar um caminho que lhe seja promissor, capaz
de lhe abrir rumos sedimentados na aceitação dos
desafios presentes, mas de calçá-los com o vigor
inequívoco da autonomia acadêmica (tantas vezes
questionada), da qualidade da formação e da pes-
quisa, da excelência e relevância do trabalho desen-
volvido, da co-responsabilidade do conjunto dos
agentes que dela participam, da busca incessante do
diálogo e do entendimento, da aceitação das dife-
renças e do mútuo respeito. Finalmente, é necessá-
rio que as diversas categorias que compõem a FFLCH
– professores, estudantes, funcionários – desenhol-
vam uma relação de superior civilidade, ancorada na
compreensão da importância da “nossa Escola” na
manutenção de uma reflexão guiada pela responsa-
bilidade e excelência da produção e transmissão do
conhecimento, na capacidade de construir uma polí-
tica de pesquisa e de formação de qualidade, no com-
promisso de dialogar, segundo seu modo próprio,
com a agenda social.

A condição *sine qua non* de tal procedimento deriva do exercício exaustivo do entendimento e da vontade de construir uma relação que parta da aceitação de que todos os interlocutores são qualificados. A exclusão e a desqualificação de qualquer interlocutor anulam a possibilidade de se pavimentar os rumos de uma universidade crítica e aberta à mudança, ao mesmo tempo independente dos princípios mercantis cada vez mais dominantes no nosso meio, visíveis tanto na valorização de resultados exclusivamente quantitativos, da eficiência dos meios sem consideração dos fins, quanto na inércia frente a uma estrutura puramente operativa e costumeira, impermeável ao acolhimento de novos desafios, frágil perante as iniciativas externas. **A FFLCH não pode deixar margem a qualquer dúvida, no âmbito interno e externo à Universidade de São Paulo, sobre sua inexaurível importância acadêmica, intelectual, científica e da sua condição de formuladora e vocalizadora dos princípios críticos e reflexivos que sempre a distinguiram e caracterizaram. Para isso, é fundamental que os seus dirigentes sejam qualificados para atuar com permanente independência nos fóruns acadêmicos e científicos da universidade, tanto locais quanto nacionais, na explicitação da importância e das concepções que guiam a instituição que representam. É necessário, em suma, que a FFLCH não se alforrie do seu patrimônio maior, ou seja, o da prática contínua da reflexividade em todas as esferas que lhe são próprias, contando com as contribuições de todas as categorias que dela participam: nenhuma instituição pode fazer valer seus princípios se estiver internamente dilacerada. Julgo ser essencial constituir um novo pacto de convivência em nossa faculdade, baseado no constante diálogo com responsabilidade.**

Com base nesses princípios e com o objetivo de construir sugestões para um futuro diálogo, arrolei um conjunto de propostas voltado à construção de um programa de ação e de prática acadêmica.

1. A universidade e, por conseguinte, a FFLCH da USP, deve construir uma política de auto-reflexão que lhes permitam responder, segundo suas diretrizes e a partir de sua experiência acumulada, às mudanças sociais em curso, preservando, concomitantemente, o caráter reflexivo e crítico que as animam. A pesquisa inovadora alimenta-se do mundo circundante; por consequência, a boa formação depende dela. A prática do diálogo e da busca do entendimento entre professores, estudantes e funcionários é uma modalidade privilegiada de aprofundamento das relações com a sociedade e de assimilação das transformações presentes no mun-

do atual, uma vez que a condição de sujeitos sociais faz deles portadores das novas demandas. O conflito não criativo costuma ser sintoma da dificuldade de aceitação do novo, da ausência de entendimento e da recusa das diferenças, vindo a prejudicar a pesquisa, o ensino e a própria vida universitária. **Somente o diálogo responsável, no qual as diversas posições sejam reconhecidas, poderá preservar a substância da vida acadêmica, por ser ela impulsionada pela admisão das diferenças, bem como pelo debate permanente. Nesse quadro, penso ser fundamental organizar encontros periódicos entre as três categorias (professores, estudantes, funcionários) com a finalidade de debater as diferenças presentes e buscar construir uma política do conjunto. Não acredito em decisões solitárias e de gabinete, mormente quando está em pauta situações coletivas, embora os dirigentes jamais devam se omitir em face de urgências e da necessidade de tomar posições. Proponho que, no próximo semestre de 2009, sejam organizados encontros entre as categorias da Faculdade para sedimentar uma pauta de diálogo, de reivindicações e de responsabilidades mútuas.**

2. A relação desorganizada e destroçada com os espaços, assim como o descompromisso com o exercício da mútua responsabilidade em relação à instituição e seus equipamentos, é manifestação da perda de valores coletivos e do sentido da comunidade acadêmica. É essencial preservar esses valores, uma vez que eles se constituem em barreiras à entrada de orientações privatistas típicas da esfera do mercado, ou da ingerência dos poderes constituídos. Cabe à comunidade da FFLCH decidir, por meio do revigoramento dos seus órgãos de representação (conselhos, colegiados, congregação), e por intermédio de fóruns que reúnam as diversas categorias, sobre os destinos a serem dados aos espaços. Para isso, **é necessário repensar uma forma de ampliação da representação, especialmente de estudantes e funcionários, dialogando com os seus organismos representativos, com a finalidade de ampliar as formas de participação e de entendimento. Desse modo, fica viável a retomada da representação legítima. É necessário reforçar o papel da Congregação como o fórum de elaboração da política acadêmica da FFLCH, destinando as questões cotidianas e técnicas para os conselhos departamentais (que deverão ter autonomia decisória em problemas que lhes são afetos) e, sobretudo, para o CTA.**

3. A qualidade da vida acadêmica depende das boas condições de infra-estrutura, requisito de um ambiente de trabalho que seja suporte para o desenvolvimento das atividades e estímulo para constru-

ção de ações de aperfeiçoamento. Nenhuma vida acadêmica plena pode existir sem a existência de espaços de sociabilidade e de convívio, como restaurantes e lanchonetes salubres e higiênicos; calçadas para pedestres, hoje obrigados a disputar espaços com automóveis; salas de convivência. É fundamental o reconhecimento e a valorização de toda a comunidade a respeito desses lugares. A intransigência resulta em perdas para todos e abre espaço para apropriações inadequadas que poderão aprofundar a insegurança e a violência. Mas é possível buscar mecanismos para aumentar a segurança, inclusive exigindo dos órgãos competentes empenho redobrado e discutindo medidas com especialistas na área. **Não há vida universitária de substância quando carece de sociabilidade acadêmica, que pressupõe tanto meios de seu exercício quanto tranquilidade e liberdade de movimentos.** Estes espaços de convivência são tão mais essenciais, quando se considera que a função formadora da universidade ocorre no dia-a-dia, nas relações informais, nas conversações, nas trocas de experiências, nas ações conjuntas, etc. A estrutura dos cursos divididos em créditos, por pulverizar as turmas, dificulta o convívio permanente dos alunos; do mesmo modo a imposição do cumprimento de prazos estritos para os estudantes da pós-graduação, a crescente complexidade do trabalho administrativo dos funcionários, a exigência de produção quantitativa dos professores, são condições que dificultam a troca livre, agravadas pela inexistência dos lugares de encontros. **Nesse setor, proponho algumas iniciativas: construir uma lanchonete-restaurante que sirva refeições entre os prédios das Letras e Filosofia e Ciências Sociais e que não fira o Plano Diretor em andamento; avaliar a necessidade de construir quiosques nos prédios para atendimentos rápidos; requalificar o restaurante do prédio da História e Geografia para que possa atender de forma adequada seus usuários; destinar espaços de convívio para professores, hoje praticamente inexistentes; discutir com estudantes seus legítimos espaços; designar aos funcionários espaços igualmente legítimos, sem os quais não poderão contar com locais adequados de relacionamento e que possam atender às suas necessidades cotidianas; apressar a reforma das salas de aula para que possam oferecer mais conforto aos professores e alunos.**

4. As obras do Plano Diretor estão em processo de execução. É absolutamente imprescindível agilizar os prazos para a entrega das construções. Para isso, constantes entendimentos com os órgãos responsáveis pelas edificações, bem como a busca de instrumentos mais rápidos para implementar es-

sas obras, são de fundamental importância. Embora as obras não dependam diretamente da Direção da Faculdade, cabe a ela intervir e negociar os prazos. Se a questão não é simples, não podemos esmorecer frente às dificuldades. Os funcionários têm um papel decisivo neste processo, uma vez que detêm o conhecimento das normas e regras públicas que enquadram a atividade. **A Diretoria deve, para isso, assumir com o corpo funcional a responsabilidade das decisões, de forma a respaldá-lo na eventualidade de algum questionamento quanto aos procedimentos adotados.**

5. Nenhuma instituição é capaz de preservar e de ampliar a qualidade sem a valorização do seu quadro administrativo. A carreira precisa ser aprimorada de maneira a permitir a ascensão horizontal e vertical, alcançada por meio do constante aperfeiçoamento dos funcionários que serão estimulados a frequentar cursos especializados, construindo uma estrutura de méritos. Apenas uma administração qualificada pode oferecer os instrumentos indispensáveis à qualidade da pesquisa, do ensino e da extensão, além de engrandecer a função e aprofundar o reconhecimento da importância do trabalho administrativo. **A auto-avaliação de funcionários tem se revelado uma medida adequada e responsável à avaliação de desempenho.**

6. **Reconheço a autonomia dos movimentos e agremiações estudantis e a importância e legitimidade de suas ações voltadas à política universitária e ao aprimoramento do debate acadêmico. Os estudantes são sujeitos políticos de grande relevo na vida universitária, até porque são sujeitos na vida social mais ampla. Um dos vínculos importantes estabelecidos pela universidade com a sociedade é sua atenção para com as questões de sua época e sua participação nos debates sociais com as armas que lhe são próprias; até por isso, o diálogo e a busca de entendimento das reivindicações devem ser permanentemente exercitados.** O aprimoramento da formação científica e profissional dos alunos deriva, como se sabe, da construção de medidas de cunho pedagógico, tais como número adequado de estudantes por classe, ampliação das modalidades de bolsas existentes, atualização permanente do acervo da biblioteca, construção e preservação dos espaços de estudo, estímulo ao aproveitamento dos alunos por meio do acompanhamento de leituras, especialmente dos matriculados na graduação, apoio às publicações estudantis tanto no nível da graduação quanto da pós-graduação, amparo às atividades de cunho científico-cultural.

7. A condição de uma docência de qualidade depende da conhecida articulação com a pesquisa, pressuposto da permanente renovação do ensino e de sua adequação aos desafios sociais e científicos; procede também da garantia de um corpo docente numericamente adequado à preservação do alto nível do ensino e da pesquisa. Desse modo, é necessário aprimorar os instrumentos de suporte da atividade acadêmica dos professores, como a designação de funcionários e de técnicos para amparar as atividades de pesquisa; buscar novas fontes de financiamento, como, por exemplo, em instituições brasileiras que amparem iniciativas dirigidas à produção do conhecimento e em instituições do exterior (nos cargos de gestão científica que ocupei estabeleci relações com algumas delas); promover parcerias; celebrar convênios com universidades e grupos de pesquisa no Brasil e no exterior; aperfeiçoar e apoiar os centros de pesquisa, laboratórios de pesquisa, centros de línguas e de documentação, agregando-os numa mesma edificação que poderá ser um incentivo à prática interdisciplinar; atualizar permanentemente o acervo da biblioteca; oferecer espaços adequados para os gabinetes e salas de aula; construir lugares de convivência docente. Os nossos espaços atuais não oferecem condições para uma vivência acadêmica efetiva, sequer para encontros informais, pois os nossos prédios foram construídos de forma a não prever lugares de descontração e troca de idéias; contrariamente, eles são um desestímulo à permanência nos locais de trabalho. Por fim, **é absolutamente imprescindível preservar a reposição e a ampliação do corpo docente tendo em vista o padrão de qualidade exigido da docência e da pesquisa no nível da graduação e da pós-graduação.**

8. Finalmente, uma questão de grande relevo deve ser enfrentada pela comunidade da FFLCH: trata-se da tendência à fragmentação da nossa instituição. A sociedade contemporânea caracteriza-se por produzir a convivência aparentemente paradoxal entre um mundo homogêneo e global e processos de atomização e fragmentação. Todavia, se esse é o cenário geral, ele não é capaz de abarcar e de explicar devidamente as situações particulares. O projeto de separação administrativa da FFLCH, discutido nos anos 1990, que ficou conhecido como *projeto da divisão*, embora tenha sido majoritariamente rejeitado pela nossa congregação, deixou marcas ainda não superadas. Dizendo de modo explícito: **apesar da opção por preservar a unidade e dos esforços desenvolvidos por seguidas diretorias, os últimos anos foram dominados por uma tendência inercial nessa área**

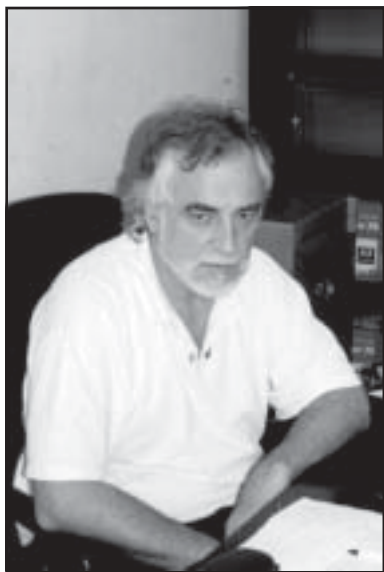
específica, impedindo a realização exitosa da integração. Sabemos, também, que não está hoje em questão o retorno das propostas de divisão. Nesse quadro, se a comunidade da FFLCH quer se manter integrada, então é absolutamente necessário construir uma política efetiva em prol da unidade. Não desconheço que a ampla renovação do quadro docente, ocorrida nos últimos anos, desempenha um papel na propensão à inércia, na medida em que os novos professores (nunca é demais sublinhar que eles trouxeram os ares da mudança e novas energias dos quais toda a instituição tem muito se beneficiado) não vivenciaram o processo e, portanto, não dominam o conhecimento integral dos acontecimentos. É natural que não possam estar atentos aos desdobramentos produzidos pela experiência e que tragam outras concepções para a instituição, cuja vivacidade, aliás, muito depende das contribuições dos novos. No entanto, essa questão decisiva ficou na sombra. No caso de nossa Faculdade, esse problema crucial exige, a meu juízo, aprofundar a unidade institucional, na acepção inteira do seu significado, isto é, concebida e preservada no solo das diferenças. Para isso, poder-se-ia, por exemplo, promover eventos científicos que absorvessem professores e estudantes das diversas áreas; seria possível também pensar maduramente um quadro de prioridades de atendimentos, em função das necessidades mais emergentes. No momento, julgo urgente priorizar o complexo de Letras, agilizar as obras já em andamento, oferecer um espaço digno para o adequado funcionamento das atividades. Considero que temos ótimas condições para a construção de uma política inequívoca de unidade, respaldada na fecundidade da nossa instituição, resultado da sua diversidade que obriga a convivência das disciplinas clássicas e artísticas, com aquelas desenvolvidas na esteira do cientificismo moderno.

A fertilidade da vida acadêmica depende, como todos reconhecemos, da diversidade; a FFLCH tem o condão e o desafio de tornar estreita a convivência de carreiras distintas. No entanto, a emulação do diverso não ultrapassou ainda os meandros da fragmentação, nublando sua dimensão criativa e estimulante. Julgo ser este um dos problemas mais agudos da nossa instituição nos tempos atuais e que deve merecer o empenho de toda a comunidade da FFLCH: nossa distinção, relevo e projeção derivam da lapidação cuidadosa dessa riqueza.

São Paulo, 17 de agosto de 2008.

PROFA. DRA. MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA

EM DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA, DA USP E DA FFLCH PROGRAMA DE OSVALDO COGGIOLA PARA A DIREÇÃO DA FFLCH-USP



As últimas décadas foram duras com a universidade pública, e com as ciências humanas. Os ventos “neoliberais” que começaram a soprar forte com a (mal) chamada morte do socialismo obrigaram à universidade a uma “barganha faustiana”: vender sua alma (ou, ao menos, pedaços dela) em troca da sua sobre-

vivência. Procura de recursos “no mercado” (eufemismo usado para designar às grandes empresas), fundações “de apoio” (aos seus – poucos – beneficiários), produtivismo desenfreado, foram algumas das suas conseqüências. As ciências humanas, menos “úteis” para o novo-velho Moloch mercantil, foram submetidas, então, a uma dupla investida, inclusive nos seus centros de excelência (a própria USP). Não foram poucos os que esqueceram a conclusão fundamental de Jean Piaget: “As ciências do homem são chamadas a fornecer aplicações cada vez mais importantes e em todos os domínios, mas com a condição de desenvolverem a investigação fundamental sem a limitarem de antemão em nome de critérios apenas utilitários; o que de começo parece menos útil pode ser o mais rico em conseqüências imprevistas, ao passo que uma delimitação inicial de finalidade prática impede que se domine o conjunto das questões, sendo suscetível de deixar escapar aquilo que é mais indispensável e mais fecundo”.

A tendência institucional prevalecente situou-se na contramão da interação das ciências naturais com as sociais, uma das chaves para a resolução dos problemas centrais encarados pelo Brasil e a humanidade, problemas que ultrapassam os limites impostos pela fragmentação científica. Foi nesse contexto que a FFLCH passou a padecer problemas estruturais

que comprometeram (e ainda comprometem) a sua própria existência, determinados pelos recursos escassos e a combinação perversa da falta de professores com a superlotação das salas de aula. Em inícios do século XXI, embora com mais de 20% dos alunos da Universidade, a FFLCH contava somente com 7% dos professores, e a recebia apenas 4% dos recursos da USP. Entre 1990 e 2002, a Faculdade saltou de 10 mil para 14 mil alunos, aumentando em 40% o corpo discente, enquanto, no mesmo período, o número de professores caiu de 455 para 330 (uma perda de 25% do corpo docente), com uma relação aluno/docente superior a 45.

Já em 2006, essa relação tinha caído para pouco mais de 30, com a contratação de 130 docentes no período intermediário. Embora longe da situação ideal, a diferença, no entanto, é qualitativa. E na base da diferença esteve um movimento *de luta*: a luta de 2002, pela contratação de professores, que comoveu à opinião pública (e que determinou a abertura de 92 concursos docentes, seguidos de mais de 30 em função das negociações posteriores do acordo celebrado com a Reitoria). Em 2007, novamente a universidade pública ocupou o palco central do debate político, sendo chamada à luta novamente, desta vez contra decretos do governo estadual que comprometiam sua autonomia financeira e administrativa. E novamente a luta foi vitoriosa, com a retirada dos decretos. A USP e a FFLCH foram, portanto, capazes de dar sua contribuição para a mudança dos ventos históricos que caracteriza o novo século que vivemos.

Para além de seus objetivos imediatos, nessas lutas estava em jogo a própria essência da universidade pública: seu caráter *autônomo* e *crítico*. Os protagonistas fundamentais dessas lutas foram, como é sabido, os estudantes, o movimento estudantil. A FFLCH já tinha superado um debate sobre a sua divisão (na verdade, *mais uma* divisão) que mal ocultava, por trás de sua justificativa “prática”, situar-se no esteio da super-especialização exigida pelo utilitarismo mercantil em voga. Hoje, não se trata apenas de resgatar es-

sas lutas e debates, mas de levar adiante a sua herança positiva, o programa, que elas nos deixaram como necessidade objetiva e como obrigação moral. No passado recente, a crise esgarçou os laços que fazem da FFLCH uma unidade na diversidade em que convivem professores, funcionários e alunos, assim como interagem diversos cursos e numerosos departamentos. Externamente, ela reduziu a importância e o peso relativos da FFLCH no interior da USP e de seus órgãos colegiados. O resultado dessas perdas foi a inserção cada vez mais subalterna da Faculdade na estrutura da Universidade.

A unidade da FFLCH, não só administrativa, mas também acadêmica e intelectual (dentro do respeito e encorajamento da sua diversidade metodológica, que fecunda o debate intelectual) é *conditio sine qua non* de sua interação eficaz com o conjunto das ciências e das artes. A FFLCH pode e deve ser o fermento principal do caráter interdisciplinar da USP, mas resgatando a especificidade das ciências humanas, definida por Lucien Goldmann num texto já clássico: as ciências históricas e humanas não se constituem, como as ciências físico-químicas, no estudo de um conjunto de fatos exteriores aos homens, e do mundo no qual realizam seus atos. São, pelo contrário, o estudo *dessa ação*, de sua estrutura, das aspirações que a animam e das mudanças que sofre. Na medida em que a consciência é um aspecto real, mas parcial, da atividade humana, o seu estudo não tem o direito de se limitar aos fenômenos conscientes, deve uni-los ao seu significado objetivo (relativamente independente da consciência). A identidade parcial entre sujeito e objeto do conhecimento não faz das ciências humanas a “parente pobre” do âmbito científico geral (essa mesma identidade irrompeu também nas ciências físicas, com a física quântica; ou nas ciências naturais, com a ecologia); ao contrário, sublinha, através da sua dificuldade, a própria natureza e centralidade das “humanidades”. O conjunto formado pelas ciências humanas nasceu recentemente (em termos históricos), só no século XIX, como arremate crítico do desenvolvimento intelectual precedente do gênero humano. Elas entraram em cena para, nas palavras de Max Weber em *Politik als Beruf, Wissenschaft*

als Beruf, “deixar de lado o ingênuo otimismo que via na ciência, ou seja, na técnica cientificamente fundamentada, o caminho real para a felicidade” – o uso basicamente bélico ou destrutivo do progresso científico do último século não fez senão confirmar essa assertiva.

A FFLCH deve reivindicar, no âmbito da USP, recursos à altura de sua importância real. Herdeira e sucessora da antiga FFCL da rua Maria Antônia, o núcleo fundador que deu origem à USP, a FFLCH tornou-se um centro de excelência, que por longo tempo exerceu uma sorte de direção moral e intelectual sobre o conjunto da Universidade. Os cursos noturnos da FFLCH são, em maior medida que os de outras unidades, responsáveis pelo cumprimento, pela USP, do preceito constitucional que impõe que um terço das vagas das universidades públicas estejam alocadas no período noturno. Sem falar que os cursos extracurriculares, de todo tipo, da FFLCH, são o centro da extensão universitária da USP, que está obrigada, também constitucionalmente, a repousar sobre o tripé indissociável ensino – pesquisa - extensão.

A defesa da universidade pública está posta agudamente: em 15 anos (de 1991 a 2006), o Brasil triplicou o número de matrículas no ensino superior presencial, aumentando de 1.565.056 para 4.676.646 o número de alunos. A “iniciativa privada” deteve, em 2006, 89,1% das instituições, 74,1% das matrículas, 87,4% das vagas, 79,5% dos ingressos, o que representa um dos maiores índices de privatização do ensino superior do mundo (sem falar na escassa qualidade do setor privado). A retomada de crescimento do setor público, com a criação, em 2005, de dez novas universidades federais e a abertura de 49 novos *campi* em universidades federais já existentes, assim como a expansão da Unesp, ou a criação da USP Zona Leste, não chegou a modificar significativamente essa situação. No Estado de São Paulo, do total das vagas oferecidas, o setor privado concentrou, em 2006, 93,8% das mesmas, ficando o sistema público e gratuito (federal e estadual) com apenas 3,2%, atingindo 6,1% com as vagas do sistema municipal. Mas o crescimento do setor privado evidencia sinais de esgotamento (“saturação do mercado”), tendo em vista que, em 2006, ficaram ociosas, no país, 49,9%

de suas vagas oferecidas, ou seja, 1.147.391 vagas. A FFLCH deve pronunciar-se claramente em favor da ampliação do número de vagas em instituições públicas, em vez das políticas paliativas que se tornam meios para repartir a escassez.

O debate interno da FFLCH deve se caracterizar pela transparência e pela democracia. Isto se aplica ao debate a respeito dos espaços próprios do movimento estudantil, que devem existir não como concessão paternalista, mas como espaços próprios da *universidade pública*. A receita para os problemas da FFLCH não está na administração rotineira do *statu quo ante*, típica do espírito burocrático domesticado pelo cotidiano. O antídoto também não está em qualquer pretensa solução messiânica, característica da mentalidade autocrática descolada da realidade. É imperativo remover os últimos entulhos autoritários do regime normativo da Faculdade, para assegurar o direito dos estudantes à plena autonomia de organização, assim como a liberdade irrestrita de participação em suas legítimas entidades representativas.

As questões postas pelos funcionários técnico-administrativos devem ser tratadas no ambiente da luta em comum pela FFLCH, como também no âmbito sindical, que ultrapassa os limites da Faculdade. A valorização do trabalho dos funcionários só beneficia à FFLCH. O trabalho docente, por sua vez, deve ser valorizado em todos seus aspectos (ensino, pesquisa e extensão): a responsabilidade dos docentes repousa na qualidade de liderança intelectual que lhes cabe, objetivamente, exercer no quadro da FFLCH-USP.

A unidade da FFLCH implica no estreitamento dos laços comuns que ligam os três prédios e os cinco cursos da área de humanidades; a diversidade dos onze departamentos, o que requer o respeito a suas especificidades e o fortalecimento de sua autonomia intelectual e administrativa; e a não dissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão, o que exige a busca de um equilíbrio adequado entre transmissão e produção de conhecimento, bem como entre as atividades de graduação e pós-graduação. No âmbito da instituição deve-se promover o fortalecimento da integração acadêmica em todos os níveis, a ampliação da participação de todas as categorias (professores, funcionários e alunos) e a

expansão da democracia em todos os órgãos colegiados da FFLCH.

Isso só poderá ser atingido através da transformação da Congregação num vigoroso espaço de discussão de políticas acadêmicas, da articulação efetiva do trabalho das comissões estatutárias centrais, da coordenação do planejamento dos departamentos que integram o mesmo curso, da multiplicação das atividades interdisciplinares e interdepartamentais, da reformulação, se necessário, da estrutura e dos conteúdos dos cursos de graduação. A implementação de uma política estrutural de contratação de novos professores, a recusa de soluções paliativas como a utilização de docentes temporários ou monitores, a resolução do problema da superlotação das salas de aula, a reforma e adequação dos prédios que integram a FFLCH, são outras tantas prioridades.

Na esfera administrativa, deve-se reivindicar junto à Comissão de Recursos Humanos da USP a implementação de um plano de carreira que contemple tanto a ascensão vertical quanto a mobilidade horizontal dos funcionários. A progressão na carreira deverá estar associada, além do desempenho no exercício das atividades laborais, também a fatores como o aprimoramento da formação profissional e acadêmica. Caberá à Faculdade propiciar os meios necessários ao treinamento e à capacitação do corpo de funcionários. Quanto aos concursos públicos administrativos, seu planejamento e execução deverão ser realizados pela CRH da Faculdade. As Comissões de Qualidade de Vida e Segurança deverão ter o seu poder e autonomia fortalecidos no âmbito dos prédios da FFLCH. É necessário ainda reivindicar o aumento de claros funcionais, que permitam às secretarias acadêmicas e setores administrativos atenderem às demandas de alunos e professores do período noturno. É dessa maneira que a FFLCH poderá resgatar seu papel de liderança moral e intelectual na Universidade, e reafirmar seu compromisso social irrevogável com o ensino público, gratuito, de qualidade, para todos.

Prof. Dr. Osvaldo Coggiola

Oswaldo Coggiola começou seus estudos em História e em Economia, em inícios da década de 1970, na Argentina, na Universidade Nacional de Córdoba - UNC, cidade em que foi dirigente estudantil secundarista e universitário. Preso diversas vezes, foi expulso da universidade pelo golpe militar de março de 1976 (a mesma UNC lhe concedeu, dez anos depois, a Medalha de Honra, máxima distinção universitária). Exilado de seu país, graduou-se em História (1977), e em Economia (1978) na Universidade de Paris VIII, onde também concluiu seu Mestrado em História (1980). Doutorou-se em História Comparada das Sociedades Contemporâneas na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (1983) sob orientação da célebre Profa. Madeleine Rébérioux (Claude Lefort, Pierre Broué, Robert Paris, Michael Löwy fizeram parte de sua banca, que o aprovou com distinção). Desde 1984 ensina no Departamento de História da FFLCH, onde fez sua Livre Docência (1992), sendo Professor Titular de História Contemporânea desde 2003. Já ministrou disciplinas também para alunos de Ciências Sociais, de Geografia, e da ECA-USP. Foi Diretor Internacional (responsável pelas bolsas para estudantes estrangeiros) da antiga CODAC (hoje CCS) da USP (1986-1989). Credenciado como orientador de pós graduação no Programa de Pós-Graduação em História Econômica, e no PROLAM (Programa de Integração Latino-Americana) da USP, já orientou 24 Teses de Doutorado e 15 Dissertações de Mestrado (8 no FFLCH e 7 no PROLAM), ao todo 39 Teses e Dissertações, além de dois pós-doutorados, e de três co-orientações no exterior (França - Grenoble, Itália - Roma e Argentina - Buenos Aires). Foi Professor Visitante (*Visiting Scholar*) na Universidade de Stanford (EUA), na Universidade “La Sapienza” de Roma, na Universidade Jadvapur de Calcutá (Índia), na UMSA de La Paz (Bolívia). Foi, por três vezes, vice-presidente da Adusp, e por duas vezes vice-presidente do ANDES (sindicato nacional dos professores universitários). Membro da ANPUH e parecerista regular da Fapesp, é líder do GT *História e Economia Mundial Contemporâneas* do CNPq (www.gtehc.pro.br). Integra os Conselhos Editoriais de várias revistas e do Laboratório de Estudos Asiáticos da FFLCH. Ministrou palestras e cursos em praticamente todas as universidades públicas do Brasil. Foi Chefe do Departamento de História (2002-2004) e, desde inícios da década de 1990, representante na Congregação da FFLCH dos professores associados e dos titulares. Representou a FFLCH no Conselho Universitário. Foi também, por seis anos, vice-presidente da CPG do PROLAM, ajudando a consolidar esse importante programa interdisciplinar da USP. No Departamento de História, já organizou 14 Congressos Internacionais, desde 1989, além de cursos, mesas redondas e conferências de docentes visitantes. Publicou 51 livros, em três países, e mais de 170 artigos em revistas especializadas, anais ou capítulos de livros (além de quase 600 artigos em jornais ou revistas): seus textos já foram publicados em dez línguas e quinze países. Já pronunciou mais de 500 palestras em diversas instituições de ensino superior, tendo sido presença constante na rádio e na TV a respeito dos principais debates nacionais e internacionais.

ENTREVISTA

ELEIÇÃO PARA DIRETOR DA FFLCH - 2008

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

Em 21 de agosto, às 10h30, no Salão Nobre do Prédio da Administração da Faculdade, aconteceu a segunda reunião do Conselho Eleitoral da eleição para diretoria da FFLCH. Nela, os candidatos apresentaram seus programas e definiu-se a programação oficial do evento. Em entrevista ao INFORME, as Professoras Amália Inés Geraiges de Lemos e Marta Rosa Amoroso, Presidente e Membro da Comissão, respectivamente, contam detalhes de como essa eleição acontecerá.

INFORME – O que foi discutido e quais medidas serão tomadas com base nessa reunião?

Amália Inés Geraiges de Lemos – Foi discutido o calendário, os dias que acontecerão os debates, as formas e os conteúdos que serão desenvolvidos neles. Discutimos também, de forma bem ampla, como a comunidade será informada sobre as eleições.

Marta Rosa Amoroso – Na verdade, o trabalho da comissão eleitoral é acompanhar esse processo do começo ao fim, e dar condições dele ser o mais transparente possível. Nosso interesse é que os funcionários participem, os docentes aposentados e na ativa participem, que os alunos da graduação e da pós acompanhem todo o processo. Então, o trabalho da comissão é bem nessa direção: ver se o material de divulgação é amplo, se está correto, se os candida-

tos estão satisfeitos, informados e a programação de reuniões, de encontros e debates que vão se seguir agora.

AIGL – E fazer chegar essas idéias que os candidatos expuseram em seus programas a toda a comunidade que se sente envolvida no processo, para que todos nós escolhamos um diretor ou uma diretora que agrade a toda a comunidade.

INFORME – Quais são os candidatos declarados até agora?

AIGL – Já não podemos ter mais, pois a entrega do programa era até ontem (a entrevista foi realizada no dia 21 de agosto). Mas até o momento, os candidatos são a Professora Sandra Nitrini, que é das Letras, a Professora Maria Arminda Arruda, que é das Ciências Sociais e o Professor Osvaldo Coggiola, que é do Departamento de História.

INFORME – Em relação ao panorama geral dos candidatos, o que a comunidade pode esperar do próximo diretor ou diretora para/com a Faculdade?

AIGL – Os três têm se apresentado com um grande compromisso, pelo menos o que a gente viu até agora, um grande compromisso em assumir os problemas da Faculdade e de todos os Departamentos que ela tem, com todos os alunos, da graduação, da pós,

dos funcionários. Eles têm manifestado compromisso em levar a FFLCH para frente e sanar todos os problemas que têm aparecido ou que se apresentam até agora. Não podemos dizer que um está mais comprometido do que o outro, eles sempre estiveram presentes em todos os programas coletivos representativos das categorias. São três pessoas de grande atuação na Faculdade.

INFORME – Como será feito o processo das eleições? Como funcionarão as etapas de escolha? Como se fará a esquematização?

MRA – Hoje foi estabelecido um calendário. Esse calendário vai ser publicado, as pessoas terão acesso a ele, mas, basicamente, a gente pensou em um programa de divulgação muito sistemático, então estamos trabalhando com material de divulgação on-line e impresso também; depois, encontros com todos os setores (os setores aos quais a Professora se refere seriam os diferentes públicos: graduandos, pós-graduandos, funcionários e docentes), então os candidatos terão reuniões nos dois períodos, com todos os setores; vai haver um debate, aberto, em que todos os setores vão ser convocados a participar e sugerir pautas de programas, sugerir condutas etc. Hoje foi acertado como isso se encaixa num calendário que já está todo previsto até o dia da eleição que vai ser dia 18 de setembro.

AIGL – O dia 18 de setembro vai ser a eleição do Colégio Eleitoral, mas vai ter uma consulta à comunidade entre dos dias 15 e 17 de setembro, on-line - já que vai haver um site da Faculdade especialmente para essa eleição - e que se fechará

no dia 17 às 18 horas. Assim, toda a comunidade, professores ativos e inativos, funcionários, alunos de graduação e de pós-graduação, terão condições de fazer sua eleição.

MRA – A idéia é que o maior número possível de indivíduos dos diferentes setores participe dessa consulta on-line. Nós gostaríamos que fosse um número bem representativo. Dessa consulta on-line sai um indicativo de quem será o candidato, mas aí, no dia 18 de setembro, acontece a eleição, da qual participam os membros dos Conselhos Departamentais e da Congregação.

INFORME – Quais serão os próximos passos a serem efetivados com relação à eleição?

MRA – O próximo passo acontecerá no dia 02 de setembro, quando, na sala 8 das Ciências Sociais, nós teremos um encontro dos candidatos com os alunos de pós-graduação da Faculdade.

AIGL – Mas eu acho que o mais importante de todos será o dia 03 de setembro, às 18 horas, no Anfiteatro da Geografia, quando acontecerá o debate geral de todos os candidatos com todas as categorias.

MRA – É importante que um número grande de pessoas participe desse dia, porque é a oportunidade de conhecer e de dialogar com os candidatos. Esses encontros e esses debates têm esse sentido, que todos apresentem suas demandas, a pós-graduação, a graduação, os professores, funcionários, todos os setores.

PARTICIPE

dos debates com os candidatos a Diretor da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas e da Consulta à Comunidade

SALA 08 - PRÉDIO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

02.09 17h Encontro dos candidatos com os alunos de
Pós-Graduação

ANFITEATRO DE GEOGRAFIA

03.09 18h Debate com os candidatos a Diretor

04.09 10h Encontro dos candidatos com os alunos de Graduação
17h30 Encontro dos candidatos com os alunos de Graduação

SALÃO NOBRE - PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO

10.09 15h Encontro dos candidatos com os funcionários

Voto on-line

Dias 15 a 17 de setembro

www.fflch.usp.br/eleicao

Apuração: 17.09.2008 às 18 horas no Salão Nobre

Prédio da Administração

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 45 agosto/2008 - Edição Especial



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717
Cidade Universitária – CEP 05508-900
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938 e 3091-1513

